Rodrigo Mendes Aguiar NUSP 10199811

Questões: Rogoff, B. (2003). Development as Transformation of Participation in Cultural Activities. In The cultural nature of human development. Oxford University Press. cap 2

. “In my view, human development is a process in which people transform through their ongoing participation in cultural activities, which in turn contribute to changes in their cultural communities across generations”.

Nesse sentido os indivíduos constroem e modificam a cultura ao longo do tempo, mas também criam um nicho cultural para si e para as próximas gerações, correto? Acredito que esse processo também possa se caracterizar com uma forma construção de nicho “cultural”.

“Indeed, Luria noted that nonliterate people’s reasoning and deduction followed the rules when dealing with immediate practical experience; they made excellent judgments and drew the implied conclusions.”

Nossa, isso é muito legal!

“Cultural tools thus are both inherited and transformed by successive generations. Culture is not static; it is formed from the efforts of people working together, using and adapting material and symbolic tools provided by predecessors and in the process creating new ones.”

“In the emerging sociocultural perspective, culture is not an entity that influences individuals. Instead, people contribute to the creation of cultural processes and cultural processes contribute to the creation of people. Thus, individual and cultural processes are mutually constituting rather than defined separately from each other”.

Acho que esses dois trechos respondem minha pergunta anterior, a ideia de que o indivíduo molda a cultura e a cultura molda os indivíduos está clara, mas isso seria aplicado para espécies de animais não humanos também?

Questões: Freire, P. (1996). Não há docência sem discência. In Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra. cap1

“A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo”.

Essa frase faz muito sentido, inclusive ela descreve bem a minha percepção em relação as escolas estaduais de SP. (Em abril desse ano exonerei meu cargo como professor da rede após 9 anos).

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferí-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.

Eu espero que a escola e a universidade consigam resistir as investidas e as tentativas de desmonte e desvalorização que vem sofrendo nos últimos anos, mas tenho ciência de que parte disso ocorre porque muitas pessoas não veem sentido na “escola” e estão ali por obrigação. Essa obrigação gera desinteresse nos discentes e nos docentes, sendo assim, a escola deixa de cumprir sua função de compartilhamento dos saberes e passa a assumir um papel burocrático. A falta de pertencimento dos estudantes e professores ao ambiente escolar permite o avanço da desvalorização e desmonte do ambiente escolar.Hoje nas escolas públicas de SP parece muito mais uma creche para que os pais “possam trabalhar em paz”, pois seus filhos estão sendo cuidados do que de fato um ambiente de compartilhamento dos saberes. Uma das justificativas para a minha fala é a contratação de profissionais sem formação em licenciatura para atuar na docência, algo que tem se intensificado na SEDUC e contribui MUITO para a desvalorização do ambiente escolar, pois os estudantes criam a visão de que “qualquer um pode ser professor” e que não precisa conhecer de forma aprofundada os saberes inerentes a docência.